



Terras
do Côa

da Malcata ao Reboredo

os valores do Côa

Ficha Técnica

Título

Terras do Côa / da Malcata ao Reboredo
Os Valores do Côa

Promotor e Editor

Estrela-Côa – Agência de Desenvolvimento Territorial da Guarda

Concepção e Coordenação

Parque Arqueológico Vale do Côa

Fotografia e Secretariado

Centro Nacional de Arte Rupestre

Edição co-financiada por

Programa de Desenvolvimento Integrado do Vale do Côa (PROCÔA)
Promoção do Potencial de Desenvolvimento Regional (PPDR)

Design Gráfico

José Luís Madeira

Execução

SerSilito - Empresa Gráfica, Lda./Maia

Tiragem

1500 exemplares

Depósito legal

124831/98

ISBN

972-97832-0-9

1998

Fotografia da capa

Gravura rupestre de 1944, Foz do Rego da Vide, Vale do Côa (CNART)

Terras do Côa Da Malcata ao Reboredo

COORDENAÇÃO:

Alexandra Cerveira Pinto S. Lima

FOTOGRAFIA:

Manuel Almeida

AUTORES:

ALEXANDRA CERVEIRA PINTO S. LIMA

Mestre em Arqueologia (Instituto de Conservação da Natureza, colaboradora do Parque Arqueológico Vale do Côa)

ANA MARGARIDA CARVALHEIRA

Mestre em História de Arte

ANTÓNIO FAUSTINO DE CARVALHO

Mestre em Pré-História e Arqueologia (Parque Arqueológico Vale do Côa)

ANTÓNIO MARTINHO BAPTISTA

Arqueólogo (Director do Centro Nacional de Arte Rupestre)

FERNANDO MAIA PINTO

Arquitecto (Director do Parque Arqueológico Vale do Côa)

FRANCISCO SANDE LEMOS

Doutorado em Pré-história e História da Antiguidade (Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho)

GASPAR MARTINS PEREIRA

Doutorado em História Contemporânea (Professor da Faculdade de Letras da Universidade do Porto; coordenador do Grupo de Estudos Históricos da Viticultura Duriense e do Vinho do Porto - GEHVID)

GONÇALVES GUIMARÃES

Mestre em Arqueologia (Director da Casa Municipal de Cultura/Solar Condes de Resende, V.N.Gaia; assistente convidado da Universidade Portucalense Infante D. Henrique)

HELOÍSA SANTOS

Arqueóloga (investigadora do GEHVID)

ISABEL ALEXANDRA LOPES

Arqueóloga (Casa do Infante/Câmara Municipal do Porto; investigadora do GEHVID)

ISABEL MARIA FERNANDES

Bolseira de Doutoramento do Praxis XXI / Universidade do Minho

JORGE ARGÜELLO

Doutorado em História (pela Univ. de Oviedo) e bolseiro de pós-Doutoramento da *Fundación para el Fomento de la Investigación Científica Aplicada y Técnica del Principado de Asturias*

JORGE FORTUNA

Ecólogo (colaborador do Gabinete Municipal de Arqueologia e História da Câmara Municipal de Matosinhos)

LAURA CASTRO

Mestre em História de Arte (Departamento de Museus e Património da Câmara Municipal do Porto)

MARCOS OSÓRIO

Arqueólogo (Câmara Municipal do Sabugal)

MIGUEL AREOSA RODRIGUES

Mestre em Arqueologia (Instituto Português do Património Arquitectónico/Porto; investigador do GEVHID)

PAULA BARREIRA ABRANCHES

Arqueóloga (investigadora do GEHVID)

PAULO DORDIO

Mestre em Arqueologia (Casa do Infante/Câmara Municipal do Porto; investigador do GEHVID)

RICARDO TEIXEIRA

Mestre em Arqueologia (Casa do Infante/Câmara Municipal do Porto; investigador do GEHVID)

SUSANA COSME

Arqueóloga (Casa do Infante/Câmara Municipal do Porto; investigadora do GEHVID)

SUZANA FARO

Pós-Graduada em Museologia (Responsável pelo Museu da Indústria Têxtil, Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão)

THIERRY AUBRY

Doutorado em Arqueologia (pela Univ. de Bordéus) (Parque Arqueológico Vale do Côa)

Sumário

Introdução	7	CAPÍTULO III	
CAPÍTULO I		CONSTRUÇÃO E ESPAÇO SAGRADO:	
CENTROS DE POVOAMENTO:		UM PERCURSO PELA ARQUITECTURA RELIGIOSA	
UM PERCURSO PELAS VILAS MEDIEVAIS		Património Religioso Edificado e Arte Sacra.	
Notas de viagem pelas vilas do Riba Côa e algumas vilas no Riba Douro	15	Registo de ocorrências discretas	103
I – Quatro antigas vilas que guardavam o Douro:		<i>O Mosteiro Cisterciense de Santa Maria de Aguiar</i>	117
Freixo de Espada à Cinta, Mós, Urros e Alva	15		
II – No final do século XIII a aldeia de Torre de Moncorvo		CAPÍTULO IV	
substituiu a vila de Santa Cruz da Vilarça	18	SABERES TRADICIONAIS: O BARRO, O FERRO E A SEDA	
III – Vila nova do rei D. Dinis na foz do rio Côa	22	A Olaria	135
IV – Vila Velha de Numão - Um projecto de investigação		– A olaria de Felgar / Larinho	136
arqueológica em curso	24	– A olaria de Santa Comba / Barreira	137
V – Três Comendas Velhas da Ordem de Cristo:		A Olaria de Malhada Sorda	141
Longroiva, Muxagata e Meda	30	O trabalho do ferro	144
VI – Da «cidade» romana dos Aravi à vila medieval e moderna		Olhares sobre a seda nas terras do Côa	151
de Marialva	32		
VII – Da <i>penela</i> alto medieval de «Moraria» à vila fortificada		CAPÍTULO V	
de Moreira de Rei	36	TERRAS DO CÔA: DOMINANDO A PAISAGEM	
VIII – A vila de Trancoso onde D. Dinis festejou as bodas do casamento		Património Natural do Vale do Côa: uma abordagem	163
com D. Isabel de Aragão	38	Senhora do Castelo de Urros	166
IX – Castelo Melhor e Almendra: duas vilas do reino de Leão		Senhora do Castelo da Adeganha	168
que passaram a ser uma só no Reino de Portugal	41	Senhora dos Montes Ermos	170
X – A vila leonesa de Castelo Rodrigo, a vila portuguesa de Pinhel		Marialva	173
e o passo do Côa na Ponte Velha	43	Sabugal Velho	174
XI – A vila medieval de Almeida sob a praça militar de fronteira		Caria Talaia	176
dos séculos XVII e XVIII	51	Sortelha	178
XII – A vila leonesa de Castelo Bom, a vila portuguesa de			
Castelo Mendo e o passo do Côa no Porto de S. Miguel	55	CAPÍTULO VI	
XIII – Duas pontes do Côa no caminho entre três vilas leonesas		TERRAS DO BAIXO CÔA:	
e duas vilas portuguesas	59	PERCURSOS DA INVESTIGAÇÃO ARQUEOLÓGICA	
		As gravuras, a beleza e a liberdade	183
CAPÍTULO II		O povoamento paleolítico da bacia do baixo Côa	184
O APROVEITAMENTO DE RECURSOS E A CONSTRUÇÃO		Do fim do Paleolítico à aquisição da Escrita no Baixo Côa	190
DA PAISAGEM: UM PERCURSO PELAS QUINTAS		A arte do Côa e Alto Douro e o Centro Nacional de Arte	
Apontamentos sobre a Vinha e o Vinho no Douro Superior	77	Ruprestre (CNART)	196
O Côa, as quintas e o povoamento romano subjacente	85	Ler na Paisagem Contemporânea Paisagens Medievais e Modernas	202
– As Quintas	85	Das Escavações arqueológicas ao Museu de Sítio da Ervamoira:	
– Quintas, <i>villae</i> e povoamento em época romana	87	um programa global de investigação multidisciplinar	205
– Outras modalidades do povoamento romano	90	Projecto de Investigação Arqueológica do Território do Monte	
– Percursos	92	do Castelo (Almendra)	209



Capítulo VI

Terras do Baixo Côa: percursos da investigação arqueológica

**Fernando Maia Pinto
Thierry Aubry
António Faustino de Carvalho
António Martinho Baptista
Alexandra Cerveira Pinto S. Lima
Gonçalves Guimarães
Susana Cosme**

DAS ESCAVAÇÕES ARQUEOLÓGICAS AO MUSEU DE SÍTIO DA ERVAMOIRA: UM PROGRAMA GLOBAL DE INVESTIGAÇÃO MULTIDISCIPLINAR

Em 1984 a administração da Casa Ramos Pinto, proprietária da antiga Quinta de Santa Maria entretanto rebaptizada da Ervamoira, tomou conhecimento da existência de uma estranha pedra de granito que aflorava por entre o rosmaninho numa colina de xisto por surribar junto ao Côa. Para ali estava destinado, como para grande parte dos 200 ha da Quinta, o plantio da vinha ao alto de castas seleccionadas. Mas o insólito do achado levou a agir com prudência e a chamar dois arqueólogos do Gabinete de História e Arqueologia de Vila Nova de Gaia, que identificaram a peça como sendo um sarcófago medieval, tendo então sugerido que a mesma fosse estudada com cuidado e escavada a sua envoltória. A vinha ficou assim ali ausente, enquanto prosseguia o plantio nas restantes colinas e ladeiras. No ano seguinte, na Primavera, foi a sua área de implantação escavada e descobriu-se que por baixo daquela peça existia uma sepultura talhada no xisto. Porém subsistia a interrogação: o que fazia ali aquele sarcófago e quem fora sepultado naquele outro túmulo? Pesquisando as redondezas, num terreno planamente lavrado para semear centeio, apareciam à superfície aqui e ali fragmentos de cerâmica medieval e de telha romana. No Verão seguinte, uma equipa mais dilatada, dirigida pelo autor destas linhas e por M^a da Graça Peixoto, descobria a estação arqueológica, tendo começado por escavar uma habitação medieval, datada por um dinheiro de D. Afonso III, a qual, voltada ao Côa, pouco aflorava no terreno. A uma cota superior, encontram-se também os vestígios de uma outra construção que depois foi interpretada como sendo uma oficina de fundidor medieval.



Fig. 1 – Museu da Quinta da Ervamoira

Face ao aparecimento destas estruturas não contíguas e ao facto de continuar a surgir cerâmica, mas ainda não estruturas romanas, em 1986, para além da continuação da intervenção nos sectores já referidos, foram feitas duas sondagens no que poderiam ser os limites ocupados pela estação, a crer nos vestígios de superfície. Assim, numa zona de escorrimento de materiais, a Norte, escavamos o que se veio a revelar apenas como um pequeno murete de contenção de terras, onde apareceu um fuzilhão visigótico, enquanto noutro quadrante, uma vala de sondagem continuava a revelar a pouca possança arqueológica de alguns locais onde o arado terá destruído quase por completo o que restava das construções romanas e medievais. Mas continuava a abundância de cerâmica.

Em 1987, a Norte da oficina de fundidor, são detectados os alicerces de uma outra casa medieval, com porta voltada a Noroeste, em frente da qual existia uma enorme lareira com muitos fragmentos cerâmicos, ósseos e até metálicos, a qual continuou a ser escavada nos anos seguintes. Viria a revelar-se muito bem estruturada, com um lajeado lateral de pequenas pedras e ainda com um forte “pau” de xisto in situ, que deveria fazer parte de um tripé para suspensão de vasilhas sobre o fogo. Uma estrutura semelhante a esta tinha igualmente sido encontrada num canto do alpendre da oficina de fundição.

Em 1988 prosseguiram ainda os trabalhos na primeira casa medieval encontrada. No ano anterior tornara-se ali evidente um nível de telha e de cerâmica romana muito fragmentada que constituíam, por assim dizer, o “piso” da casa. Mas foi no exterior desta que se revelaram os alicerces de uma grande cela rectangular romana, bem encaixada no afloramento xistoso, talhada para o efeito, com buracos circulares e regulares onde tinham assentado os postes que suportaram um telhado que ali jazia abatido e fragmentado no local onde caiu. O aparecimento de bronzes dos imperadores Constantino e Constancio, bem assim como as características da muita cerâmica de copa e cozinha ali existente, indicavam-nos que estávamos perante uma taberna do séc. IV. A casa medieval, de eixo excêntrico em relação ao da construção romana, apenas

destruía uma parte desta ao alisar o terreno para se implantar. Mas ignorou por completo a construção subjacente, de muito melhor qualidade. De tal modo que em cima da sua planta foi também implantada uma grande lareira, fora portanto da habitação medieval, com a mesma abundância de cerâmica, ossos e alguns restos metálicos, a qual foi lajeada com tegulae reaproveitada da construção que lhe estava subjacente. A continuação dos trabalhos nos anos seguintes, veio a determinar o perímetro total deste sector e a boa construção das suas paredes.

Em 1989 prosseguiram portanto as escavações nesta casa romana enquanto noutro sector, por baixo de um caótico derrube medieval junto de um lajeado de placas de xisto, apareceu um muro romano alinhado com aquele que entretanto também tinha aparecido numa outra área. Prosseguindo a escavação entre os dois sectores, verificou-se que se tratava do mesmo muro, o alicerce da parede de um grande edifício romano com 27,5 metros de frente e uma soleira central, onde existira uma porta. Começamos então a convencer-nos que estávamos perante uma mutatio que controlava naquele lugar estratégico a passagem a vau do Côa, para quem vinha das Chãs para Castelo Melhor ou Calábria, ou no sentido inverso.

No ano seguinte escavou-se parte do interior do edifício definido por aquela grande fachada, onde foram encontrados grande quantidade de fragmentos de tégula concentrados apenas numa parte do edifício, o que poderá querer dizer que ele não foi todo coberto, mas que teria uma abertura interior central. Iam igualmente aparecendo alguns muros e muretes de aparelho nitidamente medieval, formando pequenas celas, com lareiras em pequenos átrios exteriores às estruturas descobertas.



Fig. 2 – Museu da Quinta da Ervamoira. Aspecto de uma das salas de exposição

Aqui apareceu um dos mais decorados vasos cerâmicos da estação, os fragmentos de um grande dolium, infelizmente ainda sem os do fundo, o qual acusa uma influência mediterrânica atribuível ao século X-XI. Presença de berberes? Uma questão em aberto a confirmar.

Até 1990 tinham sido já escavados 436 m², mas a estação estava longe de esgotar as suas surpresas.

Nas campanhas dos anos seguintes finalizou-se a intervenção na taberna e na lareira que lhe estava sobreposta e a que já aludimos, sempre recolhendo abundante espólio tardo-romano e medieval. Se até então o horizonte cronológico mais recente parecia estar determinado, ainda não sabíamos a data para o início da ocupação romana. Alguma cerâmica dispersa sugeria que deveria ser anterior ao séc. IV.

Entretanto em 1993 escava-se o alicerce bem conservado da parede Sudoeste do grande edifício romano. Sobre ele existia uma outra lareira medieval, na qual foi encontrada uma mó dormente em granito e fragmentos da mó movente. No lado oposto deste edifício, do lado Norte, aparecia também nesse ano uma outra estrutura, constituída por um alicerce igualmente bem conservado, mas diferente dos muros romanos até aí encontrados. No seu enchimento havia mesmo fragmentos de sigillata não rolada. Este edifício veio a definir-se no alinhamento quer da taberna, quer da mutatio - assim chamamos estes edifícios, de acordo com os dados até agora disponíveis. No seu interior encontrava-se todo o telhado abatido, como já acontecera no sector do séc. IV, mas as tegulae eram aqui diferentes, no que diz respeito ao fabrico menos cuidado, mas em compensação mais decoradas, com meandros paralelos e outras incisões e, entre elas, um chrismon cruzado. Os próprios fragmentos dos imbrices apresentavam decoração. Mas, ao contrário da taberna, aqui não havia qualquer vestígio de louça de cozinha ou de copa ou de quaisquer outros objectos; apenas um botão semi-esférico de vidro azul-esverdeado, e dois fragmentos de maxilar inferior humano. Por todas estas razões pensamos estar perante o que restava de uma basílica martirial, o que significava estar perante um dos mais antigos vestígios da chegada do cristianismo ao Vale do Douro e seguramente do Côa.

A escavação da área deste edifício prosseguiu em 1994 e 1995, quando tinham já sido intervencionados um total de 875 m² a uma média de

72 m² por campanha. Neste último ano é descoberta uma nova estrutura encostada ao ângulo sul do grande edifício romano, a qual, escavada em 1996, viria a revelar-se como uma ferraria medieval, provavelmente do século XIII, constituída por uma área de forja num canto e uma banca de trabalho em pedra de xisto ocupando toda uma parede, com dois nichos laterais, num dos quais apareceu uma pedra de granito alisada com o que resta de uma inscrição onde parece ler-se TAN/G..., talvez de um Tanguinus, que ali vivera séculos antes. Dada a dificuldade da leitura, esta interpretação ocorreu-nos aquando da apresentação de uma comunicação de Armando Coelho Ferreira da Silva e de Mário Rui dos Reis Soares sobre a epigrafia da região cudana numa jornada em Freixo de Numão entre 25 e 27 de Abril de 1997. Em frente desta banca de trabalho apareceu igualmente um grande cubo de pedra granítica, com as faces almofadadas e um polido fóculo central, que servira para afiar as ferramentas ali forjadas, como o demonstra o desgaste de um dos seus bordos. Era óbvio que se tratava de uma peça reaproveitada, como aliás a delida inscrição atrás referida. Pela sua configuração cremos tratar-se de uma lipsanoteca da basílica martirial, que conteria relíquias de um santo na cavidade do fóculo, talvez os fragmentos de mandíbula humana atrás referidos e tendo eventualmente como tampa a pedra com a inscrição, que apresenta uma protuberância circular que parece adaptar-se à abertura do fóculo, embora lhe falte metade. Isso justificaria também o facto da inscrição pagã ter sido quase totalmente apagada.

Quando em 1985 iniciamos o estudo desta estação não sabíamos que de há muito estava prevista a construção de uma barragem no curso terminal do rio Côa. Quando tal começamos a ouvir e a constar, nem queríamos acreditar que a beleza de tal Vale e dos inúmeros vestígios arqueológicos que o mesmo contém viessem a ser submersos. E nem sequer suspeitávamos da existência de tantos e tão importantes monumentos paleolíticos; sabíamos apenas de algumas referenciadas estações romanas e medievais e constatámos a existência de vestígios que nos pareciam calcolíticos no Monte Fariseu, que não estavam de imediato ameaçados. Quando o nosso colega Nelson Rebanda, em situação difícil a todos os títulos, descobre as gravuras que não tinham sido detectadas por outros arqueólogos que já tinham percorrido a região, nomeadamente por nós, uma nova era começou para a arqueologia do Vale do Côa e mesmo para a arqueologia nacional. O que até 1993 era só salvamento de informação arqueológica perante a ameaça da barragem, transforma-se em 1994 em esperança e em 1995 na certeza de



Fig.31 – Museu da Quinta da Ervamoira. Outro aspecto do interior

que os valores culturais prevaleceriam sobre uma tecnologia de duvidoso rendimento, pelo menos neste local. A história, ainda que incompleta ou parcial, do que foi esta saga, anda por aí contada. Pela nossa parte apenas diremos que 1995 foi o ano-chave para a estação arqueológica da Quinta da Ervamoira quando, constatada a suspensão dos trabalhos da barragem, houve que repensar toda a metodologia da intervenção que vínhamos fazendo e reflectir sobre o destino a dar às ruínas e aos achados. É então que no relatório desse ano propomos a musealização das ruínas e da Casa Velha da Quinta, o que vem a ser aceite pela administração da Casa Ramos Pinto e acarinhado por todos aqueles que compreenderam que no Côa se lavrava com o arado da qualidade um futuro diferente para a Terra Quente e para a fronteira duriense.

Na campanha de escavações de 1996, na qual foi encontrado um denarius de Geta que finalmente confirmava a ocupação romana anterior, pelo menos, desde o século III, procurámos definir um dos limites da estação, sem no entanto o conseguir. Logo após o seu fim redigimos de imediato o programa de musealização da Casa da Quinta, enquanto o Arqto. Arnaldo Barbosa e seus colaboradores, em sintonia com esse mesmo texto, elaboravam o respectivo projecto de reconversão arquitectónica.

A 12 de Outubro de 1996 as escavações, o programa e o projecto do Museu são apresentados ao Primeiro Ministro Eng^o. António Guterres quando este visita Ervamoira. Aí propúnhamos que a Casa da Quinta se transformasse num Museu de Sítio que mostrasse aos visitantes o

Património Natural do Douro Superior, a Arqueologia Romana e Medieval de Ervamoira e a Etnoarqueologia do Vale do Cõa, para além dessa notável obra de Ciência e Arte Vitivinícola que é a própria Quinta. Abria-se assim a possibilidade de criar uma instituição com uma oferta cultural diferente e complementar do circuito das gravuras paleolíticas, a qual poderia dar ao visitante uma visão simples, mas total, do que tem sido a ocupação histórica deste Vale.

Para tal rodeamo-nos de alguns amigos e colaboradores, desde os nossos ex-alunos de Património da Universidade Portucalense Infante D. Henrique, passando pelos biólogos da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto até aos engenheiros da Universidade da Beira Interior, para além de outros, os quais participaram na 1ª Semana de Estudos Especializados de Ervamoira que decorreu na semana da Páscoa de 1997.

No Verão desse ano, como habitualmente, a equipa de escavações dividida em dois turnos de uma dúzia de pessoas para cada quinze dias, escava durante um mês do sempre quente Julho/Agosto, a área oeste da estação, procurando um limite a partir do qual se iniciem os trabalhos de consolidação e restauro das ruínas. E de novo a surpresa de uma área medieval de cozinha, sobre o que parece ser a necrópole envolvente da basílica martirial. Novas interrogações a confirmar ou infirmar nos trabalhos que se seguirão nos próximos anos.

Inaugurado a 1 de Novembro de 1997 pelo Ministro da Cultura, Professor Doutor Manuel Maria Carrilho, o Museu de Sítio de Ervamoira é uma instituição privada com propósitos culturais, turísticos e científicos cujo interesse não se restringe à sua estação arqueológica mas pretende concentrar em si muita da investigação que até à data se produziu sobre o Vale do Cõa, quer nas Ciências Humanas quer nas da Natureza e, ao mesmo tempo, incentivar a produção de novos estudos realizados por jovens investigadores das diversas áreas. Uma primeira amostra desses estudos será publicada ainda em 1998. Essa colectânea está com certeza longe de traduzir a riqueza cultural da região cudana e da história das gentes que a habitam. Pretende apenas partilhar o fascínio que este vale sagrado provoca em todos aqueles que o percorrem interrogando o

tempo, o espaço e as coisas que o transformaram em lugar de eleição, traduzindo em linguagem profissional esse encantamento.

O facto de alguns investigadores terem ignorado, ou mesmo não saberem, que o Vale do Cõa teve uma intensa ocupação pós-paleolítica, levou-os a conclusões erradas sobre a cronologia da sua impressionante arte de ar livre. Ao aplicarem o método das datações directas sobre a alteração da superfície das gravuras paleolíticas não sabiam - mas deviam ter pelo menos intuído - que estavam a datar a revolução metalúrgica do calcolítico ou da idade do bronze e a revolução agrícola da romanização que, sobre os sulcos pré-históricos, deixaram combinações de iões mais recentes, o que é, de tão lógico, quase risível. O seu erro foi ignorar que o Vale do Cõa foi uma região antropologicamente viva até ao presente, embora o seu declínio se acentuasse após o século XVI.

Tal como o vinho aqui produzido condensa em cada gota Natureza, Ciência e Tradição, também os estudos sobre Ervamoira procurarão mostrar como a Arqueologia se estende da Natureza às Humanidades através das várias Ciências.

Com este contributo estamos com certeza no início de uma necessária, efectiva e frutífera interdisciplinidade para compreender a globalidade do Vale do Cõa.



Fig. 4 - Esquema representando planta interpretada da área escavada.
(Reproduzido e adapt. do Catálogo do Museu de Sítio de Ervamoira)